

DE CONTEXTO RELIGIOSO A CONTEXTO CIVIL – A DESCOBERTA DE UM FRISO VISIGÓTICO EM ÉVORA

Eva Basílio

evamfbasilio@gmail.com

Ricardo Sarmento

12rsarmento@gmail.com

ABSTRACT

In 2019, during the rehabilitation project of the building located between Rua Miguel Bombarda, Rua da Misericórdia and Travessa das Peras, in Évora, a set of archaeological materials that range from Late Antiquity to the Modern Period were collected. From this set of materials, a frieze from the Visigothic period was chosen for study, dating from the 6th to 7th centuries AD, which was found completely out of context, in the building's courtyard. In this sense, the present study offers a formulation of an analysis and interpretation of its function, typology and evidenced morphology, in order to promote a decorative-style and chronological framework, through parallels found and already studied on peninsular territory.

Keywords: Évora; Visigothic period; Architecture; Decoration.

RESUMO

Em 2019, aquando do projeto de reabilitação do edifício localizado entre as ruas Miguel Bombarda, Rua da Misericórdia e Travessa das Peras, em Évora, foi recolhido um conjunto de materiais arqueológicos que se balizam entre a Antiguidade Tardia e o Período Moderno. Desse conjunto de materiais, foi escolhido para estudo um friso do período visigótico, datado de entre os séculos VI-VII d.C., o qual foi encontrado totalmente descontextualizado, no pátio do edifício. Neste sentido o presente estudo propõe a elaboração de uma análise e interpretação da sua função, tipologia e morfologia evidenciada, de forma a promover um enquadramento estilístico-decorativo e cronológico, através de paralelos encontrados e já estudados em território peninsular.

Palavras chave: Évora; Período Visigótico; Arquitetura; Decoração.

1. INTRODUÇÃO/METODOLOGIA

O projeto de reabilitação do edifício localizado entre a rua Miguel Bombarda n.ºs 49, 49-A, 51 que acompanha a Travessa das Pêras n.º1, com traseiras para a Rua da Misericórdia n.º 6, em Évora, realizado pelo Arquiteto Souto Moura, obrigou ao acompanhamento arqueológico numa perspetiva de minimização de impactes ambientais.

Dado o mau estado de conservação do edifício, foram necessárias obras de alteração e melhoramento, a fim de dotá-lo de melhores condições para habitação. Os trabalhos tinham então como objetivo principal a reorganização espacial do interior, de forma a criar dois fogos, um no rés-do-chão e o outro no primeiro andar. Para tal, realizaram-se algumas demolições de espaços, picagens de paredes, a cobertura foi substituída e renovada a rede de esgotos, água e luz. Na zona do pátio procedeu-se à construção de um novo espaço, o qual terá a função de escritório e garagem.

Posto isto, e dada a sensibilidade arqueológica e patrimonial (A-6), segundo a Carta de sensibilidade arqueológica¹, foi necessário proceder ao acompanhamento de todas as intervenções que previssem intrusão no solo. Os trabalhos arqueológicos tiveram uma durabilidade de 7 dias distribuídos entre os dias 12 de Junho de 2019 e o dia 19 de Fevereiro de 2020.

Durante a intervenção foi recolhido um reduzido espólio arqueológico, balizado entre o século VI e o XIX, e constituído essencialmente por cerâmicas de contenção, faianças, metais e alguns elementos arquitetónicos. Avaliando o conjunto em mãos, optou-se pelo estudo e publicação do friso visigótico encontrado, dada a sua raridade e bom estado de conservação.

Neste sentido, este artigo é organizado da seguinte forma: em primeiro lugar pretende-se dar a conhecer as alterações sociais, urbanas e arquitetónicas que a cidade de Évora sofreu desde a queda do Império romano aos inícios do período Visigótico, com o capítulo da Contextualização histórico-geográfica; no capítulo seguinte procedeu-se à descrição e caracterização do edifício em questão, abordando as várias alterações estruturais e funcionais que o mesmo foi sofrendo, através dos elementos arquitetónicos que perduraram; e por fim, procedeu-se à análise do friso visigótico, o qual é descrito detalhadamente, bem como comparado com outros elementos semelhantes.

2. A CIDADE DE ÉVORA

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA

Évora, concelho e capital de distrito, integra-se na região designada como Alentejo Central (Fig. 1). Trata-se de uma região que reúne condições estratégicas e naturais, dado que é um território muito procurado e ocupado desde a pré-história, como comprovam diversos vestígios arqueológicos (GROMICHO 1962/1963: p. 29).

A construção do núcleo antigo data do período romano, sendo que a cidade assenta numa mancha de gnaisses e migmatitos, pormenor que terá influenciado a escolha do local para implantação da urbe (MASCARENHAS e BARATA 1997: p. 61).

Para além disso, possui bons solos e ao encontrar-se próximo de Estremoz e Vila Viçosa, de onde provinham grandes quantidades de mármore de alta qualidade, durante o período imperial e tardo-antigo, propiciou à instalação dos primeiros colonos romanos. Esta escolha poderá igualmente ter sido influenciada pelo facto de a urbe apresentar capacidades estratégicas e hidrográficas bastante favoráveis para a sua implantação (RIBEIRO 1986: p. 54). É importante salientar ainda que a cidade se situava no cruzamento de várias estradas militares, notando-se uma expansão sucessiva de intercâmbio cultural, assim sendo, Évora adquiriu uma importância regional assinalável (BILOU 2005: p. 25).

Ao longo do período romano a cidade de Évora foi sendo organizada segundo os princípios

1 Zona A-6 "Define o mais alto patamar de importância em termos de relevância e sensibilidade arqueológica. Atribuição aos locais onde existem evidências concretas e certezas absolutas ou, em muito menor escala, teorias bem fundamentadas. Em vários casos, a zona de sensibilidade arqueológica coincide com ZP's ou ZEP's de importantes edifícios classificados. A grande maioria das zonas delineadas já foi alvo de intervenção arqueológica total ou parcial" (VAL-FLORES e SANTOS 2005: p. 78 e 145).

urbanísticos romanos, foi então que no século III d.C. foi construída a muralha tardia – Cerca Velha. A muralha cortou uma casa romana – Casa de Burgos – de forma a definir e reduzir o perímetro urbano que se verificava inicialmente, no momento de máximo desenvolvimento da cidade.

Após a queda do Império Romano, em Évora, tal como aconteceu em outras cidades, apesar de continuar a manter-se como um centro económico e militar importante, notou-se uma decadência no que toca à sua importância cultural, com o início do domínio visigótico.

No que toca ao nível urbanístico e/ou arquitetónico, notou-se apenas um reforço das fortificações da Cerca Velha, não existindo quaisquer outros elementos que possam mostrar outro tipo de modificações na cidade.

A comunidade cristã residente em Évora terá permanecido desde os finais do século III até aos inícios do século IV d.C., seguindo-se um silêncio no que toca à documentação até ao final do século VI d.C. (JORGE 2002: p. 76).

No que toca aos vestígios arqueológicos encontrados em Évora, estes são datáveis somente a partir do século VI, tendo sido descobertas apenas três peças arquitetónicas.

Do ponto de vista arqueológico os vestígios encontrados em Évora, não datam de antes do século VI, e são bastante escassos, nomeadamente a presença de uma possível igreja visigótica próximo do Templo Romano, uma inscrição paleocristã (de proveniência dúbia) e uma necrópole visigótica (WOLFRAM 2011: p. 33).

A escassa informação arqueológica poderá estar relacionada com o elevado grau de destruição que a cidade sofreu nos séculos seguintes, e para além disso, o traçado urbanístico muçulmano foi bastante marcante, sobrepondo-se à organização da cidade romana, causando então a destruição de elementos pré-existentes (RIBEIRO 1986: p. 384).

3. CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO ALVO DE REABILITAÇÃO

O imóvel é constituído por um corpo com rés-do-chão e primeiro andar que se desenvolve ao longo da rua Miguel Bombarda e um grande pátio que comunica com a Travessa das Peras e a Rua da Misericórdia (Fig. 2).

Os pisos estão organizados de forma semelhante, sendo que o rés-do-chão está dividido em nove divisões, que comunicam diretamente entre si, já o primeiro piso apresenta o mesmo número de espaços, porém com um corredor central que dá serventia a cada um dos compartimentos (Fig. 3).

O pátio abrange mais de metade da área do lote habitacional, e continha um pomar que se encontrava associado a uma intervenção arquitetónica do século XIX (Fig. 4). Porém elementos mais antigos indicaram que a zona já teria sido em tempos cultivada no século XVI. Com a recente intervenção todos esses elementos foram destruídos e a área do pátio foi consideravelmente reduzida.

Ao longo da Rua da Misericórdia denota-se a existência de outros pátios semelhantes a este, pormenor característico desta zona da cidade, não se verificando esta marca urbanística em outras zonas.

No que toca aos vestígios arquitetónicos encontrados no interior do edifício, foram registados elementos medievais que remontam aos meados do século XIV, remetendo a fundação deste edifício para este período.

No rés-do-chão foram encontrados cinco pórticos preservados, sendo que um deles se encontrava na fachada posterior, outro na fachada principal e os três restantes em divisões interiores. Deste conjunto apenas dois dos pórticos foram conservados, os restantes foram destruídos.

Quanto ao pórtico que se encontrava no interior de uma das divisões, procedeu-se à sua desmontagem e remontagem no mesmo espaço, dado que a cota de circulação subiu de forma a acompanhar a subida do pavimento. O pórtico é em ogiva, constituído por blocos graníticos, e não apresenta qualquer elemento decorativo.

Quanto aos pórticos que foram destruídos, nomeadamente o que se encontrava na fachada principal, data de meados do século XIV, cronologia atribuída à fundação da habitação, assim como ao traçado da própria rua. O pórtico que se encontrava na fachada posterior, já dos finais do século XV, era constituído por tijolo e refletia uma ampliação deste espaço (BASÍLIO e SARMENTO 2021: p.

12). No primeiro piso foram identificados dois pórticos, sendo um deles do início do século XV e o outro do início do século XVI, tendo-se conservado ambos os exemplares

No século XVI denota-se uma remodelação na habitação, da qual resta apenas uma capela, a qual se encontra no pátio do edifício. Apresenta uma planta quadrangular e o teto em cúpula, apresentando uma pequena janela virada a poente. Em termos decorativos conserva um pequeno conjunto de esgrafitos do qual tipologicamente se inserem no grupo de “revestimentos de imitação”, representando silhares e a estereotomia da pedra, aproximando-se de exemplos como os Paços dos Condes de Bastos, ou a Igreja de Santo Antão (CAETANO 2007: p. 117). Conservam ainda um conjunto de quatro esgrafitados, cobertos por várias camadas de cal, com a representação de um vaso com flores no seu interior.

No topo do telhado encontra-se uma cruz, em bom estado de conservação, um elemento único do estilo arquitetónico *Rustic Renaissance*.

Ainda no pátio encontrava-se um varandim que foi destruído, e que aquando da sua destruição foi encontrada uma coluna em mármore do século XVI, a qual foi reaproveitada como enchimento para a construção do edifício. Este achado poderá conferir uma renovação que poderá ter sido realizada ao longo do século XVI, conferindo um aspeto à habitação bastante distinto daquele que se conserva nos dias de hoje.

No compartimento 3 foi encontrada uma calçada sugerindo que se trataria de um espaço exterior ou associado a uma cavaleriça. À sua superfície foram encontrados fragmentos cerâmicos datáveis do século XVII, o que poderá conferir a mesma cronologia à calçada, porém com alguma ressalva.

Já no compartimento 8 foi encontrada a fundação de uma parede, a qual indicia que o espaço em determinada altura era dividido em dois espaços distintos, mas com dimensões semelhantes. O mesmo se verifica nos compartimentos 5 e 7, isto é, apresentam dimensões semelhantes entre si e em comparação ao compartimento 8, conferindo a métrica existente em todo o rés-do-chão.

4. ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS DO PERÍODO VISIGÓTICO

4.1. O FRISO VISIGÓTICO DESCOBERTO

A datação precisa de peças de cronologia visigótica é um trabalho extremamente complexo, dado que a maioria se encontram descontextualizadas. Considerando ainda o facto de muitos dos motivos decorativos desta época terem continuado a ser utilizados em período moçárabe, complica ainda mais a sua datação.

A maioria das peças arquitetónicas encontradas foram reaproveitadas para construções posteriores, ou seja, em contexto secundário. Existem exemplos em muralhas e alcáçovas², como sendo as construções que mais utilizam peças do período anterior. As Igrejas³ são outro tipo de construções que reutilizam muitas peças visigóticas, assim como também se verificam reaproveitamentos em construções privadas em meios urbanos (VIEIRA 2020: p. 217).

Outro problema aliado à questão do contexto é a forma das peças, dado que a sua maioria não parece ter a sua forma original, pois ao terem sido reutilizadas foram novamente esculpidas e redecoradas. Durante a Antiguidade Tardia e durante os séculos seguintes, um mesmo edifício sofria remodelações e reestruturações enquanto edifício religioso em funcionamento, ainda antes de servir de cantaria quando já estivesse em ruínas, assim o processo de modificação é tal que se torna complicado compreender a primeira função de uma peça (FERNANDES 2009: p. 243).

Neste sentido é importante ter por base alguns aspetos que podem auxiliar na classificação destas peças. O primeiro indicador de base que fornecem é o de revelarem a existência de edifícios religiosos durante a Antiguidade Tardia, mesmo que não se saiba a sua exata localização; o segundo

2 Muralhas de Beja, Sines, Mértola, Juromenha, Montemor-o-Novo, Moura

3 Vera Cruz de Marmelar (Portel), Ermida de S. Salvador (Castelo de Vide), Capela de S. João de Arranas (Torrão), Igreja de Fortios, Igreja de S. Tiago (Vila Viçosa), Capela de S. Pedro de Almuro (Monforte), cruzeiro de S. Brás de Matos, Ermida de Mosteiro e Igreja em Mesquita (Mértola).

indicador tem que ver com a matéria-prima, indicando quais as pedreiras que ainda se encontravam em uso durante a Antiguidade Tardia e por fim a análise de padrões decorativos, permitindo perceber as recorrências em determinadas áreas geográficas.

O grupo escultórico de Évora destaca-se dos outros por uma excelência de execução no talhe da matéria-prima, as peças desta área geográfica são as mais finamente esculpidas de todo o Sul da Lusitânia. Este facto prende-se provavelmente por ser uma região alimentada por um mármore de grão fino, de alta qualidade e resistência, mais fácil de trabalhar; e pela existência bons artesãos a trabalhar o mármore. Tem se conhecimento de que a única pedreira que funcionava no período visigótico seria a de Bencatel, contudo, não impede a proposta da exploração de pedreiras como a de Vila Viçosa em época romana (WOLFRAM 2011: p. 83).

No que toca à decoração, esta não é muito variada ou original, não existem motivos próprios da região de Évora, nem um diversificado leque de motivos.

Este friso encontrado em contexto civil, em Évora, trata-se de uma peça que foi encontrada descontextualizada, sendo que a sua datação não pode ser muito assertiva. Apesar de ser comum a utilização de motivos vegetalistas durante o período visigótico, não foi encontrado qualquer exemplo com uma decoração igual a esta o que dificulta a atribuição de uma cronologia mais detalhada. Fazendo uma comparação com alguns exemplares que apresentam uma tipologia decorativa semelhante, como no caso da Igreja de São Pedro de la Nave, Zamora, é possível propor uma datação entre os séculos VI-VII d.C. (ALMEIDA 1962: p. 86)

Esta peça apresenta 0,98cm de comprimento, por 0,53cm de altura e 0,15cm de espessura (Fig. 5). Ostenta marcas que sugerem várias utilizações, servindo como soleira de porta, visto que preserva ainda o gônzo, e posteriormente como degrau de uma escadaria do pátio, local onde foi encontrado. Apesar das diversas reutilizações que foi sofrendo, os elementos decorativos encontram-se em bom estado de conservação.

Considerando o importante valor histórico da peça, o proprietário da habitação optou por reaproveitá-la na zona do pátio, numa fonte, onde ficará exposta e devidamente protegida dos elementos erosivos.

O mármore é branco com veios em rosa, possivelmente proveniente de Estremoz. Não se pode confirmar a sua utilização original, porém pode ter pertencido a algum edifício religioso.

No que toca a peças visigóticas encontradas em Évora, podemos fazer referência a três elementos arquitetónicos⁴ que se encontram no Museu de Évora, os quais pertenceriam a uma igreja visigótica que terá existido perto do Templo Romano, as quais foram encontradas no âmbito de remodelação do Museu de Évora (WRENCH 2000: p. 647). Para além destas, encontra-se também conservada no Museu a inscrição funerária a *Paulus*⁵, a qual foi gravada numa placa de mármore de S. Brissos em cinzento-escuro, decorada na parte superior por um arco estriado, e gravada uma cruz pátea em círculo ladeada por duas flores de quatro pétalas.

Na antiga Igreja de São Pedro⁶, situada na atual Rua Diogo Cão, foram detetadas três fases de enterramentos datados de entre os séculos VI ao XV, em acompanhamento arqueológico. A Igreja de S. Pedro trata-se de uma das mais antigas paróquias da cidade de Évora, sendo que no século XII servira de Igreja Templária, porém, antes fora ermida, o que confirma a antiguidade do edifício. Importa ter esta referência dado que se situa na envolvente da Rua Miguel Bombarda, indicando proximidade de um edifício religioso do período visigótico (WOLFRAM 2011: p. 172).

Já no Salão Central Eborense, localizado entre a Igreja de S. Pedro e a Rua Miguel Bombarda, foi encontrado um baixo-relevo em mármore decorado com uma trança em espirais emoldurada e uma decoração que se assemelha a uma flecha (Fig. 6) (BASÍLIO *et alii* 2019: p. 209). Estes baixos-relevos são típicos de entre os séculos VI/VII e encontravam-se normalmente no interior e no exterior das Igrejas. Segundo Fernando de Almeida (1962) encontram-se algumas peças com este tipo de

4 Capitel nº ME 18312, cancela nº ME 4120, pé de altar nº ME 18317.

5 Nº ME 1725

6 CNS 15767

decoração no Castro de Cendufe e no Castelo do Alandroal (ALMEIDA 1962: p. 41 - Fig. 8; Estampa II -Fig. 77). Jorge Morín de Pablos faz referência ao Nicho da Igreja de Vera Cruz de Marmelar, o qual apresenta uma decoração semelhante “*La parte superior e inferior está ocupada por una faja de cintas entrelazadas, y los huecos decorados de nuevo por esvásticas. En las impostas del arco corre una decoración similar, de cintas ochavadas y círculos dobles, que ha sido cortada al realizarse el hueco de la ventana*” (MORÍN DE PABLOS 2014: pp. 21-22).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo visa a descrição e estudo de um friso visigótico encontrado em contexto de obra, no interior de um edifício localizado no centro histórico de Évora.

Considerando que poucos são os elementos visigóticos encontrados em Évora, tanto em contexto arqueológico como edificado, torna-se complicada uma análise global dos mesmos, bem como determinar o seu contexto arquitetónico, cronológico e social.

As peças visigóticas encontradas em Évora nunca foram encontradas em contexto, o que torna ainda mais complexo o entendimento da sua relação com o espaço para o qual foram destinadas.

Apesar desta situação, e tendo em conta a sua raridade, considerou-se pertinente elaborar um estudo mais detalhado sobre este elemento agora encontrado. Trata-se de um friso em mármore decorado com motivos vegetalistas que estaria associado a um espaço religioso. Encontrava-se reaproveitado numa escadaria, tendo marcas de ter tido outras funções ao longo dos tempos. Por apresentar um motivo decorativo inédito torna-se um caso único e que contribui consideravelmente para o estudo do período Visigótico na cidade de Évora.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Fernando (1962) *Arte visigótica em Portugal*, Empresa Tipográfica Casa Portuguesa, Lisboa.
- BASÍLIO, Eva; SARMENTO, Ricardo (2021) *Acompanhamento arqueológico – Rua Miguel Bombarda, n.ºs 49, 49-A, 51; Rua da Misericórdia, n.º6 e Travessa das Peras, n.º 1 (Évora)* – Relatório Final
- BASÍLIO, Eva; SANTOS, José; LEAL, Rosária; SARMENTO, Ricardo; OLIVEIRA, Jorge (2019) O Salão Central Eborense: de covas de pão a sala de cinema. Em: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 22, Direção Geral do Património Cultural, Lisboa. pp. 207-213
- BILOU, Francisco (2004) *O sistema viário antigo na região de Évora*, Edição da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, Lisboa.
- CAETANO, Joaquim (2007), Revestimentos de imitação da pedra em Évora ou o gosto pela arquitectura erudita. Em: *Monumentos* n.º26, Direção Geral do Património Cultural, Lisboa. pp.174-179
- FERNANDES, Paulo (2009) Esplendor ou Declínio? A arquitectura do século VII no território português. Em: *La Arquitectura: el siglo VII frente al siglo VII*, CSIC e Junta de Extremadura, Mérida. pp .241-273
- GROMICHO, António (1962/1963) Origens da Cidade de Évora. Em: *Boletim A Cidade de Évora*, n.º 45-46, Évora. pp. 29-32
- JORGE, Ana (2002) L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité Tardive (III^{ème} - VII^{ème} siècles). Em: *Trabalhos de Arqueologia*, 21, Direção Geral do Património Cultural, Lisboa.
- MASCARENHAS, José; BARATA, Filipe (1997) O território de Eborac, e a organização e ordenamento da paisagem envolvente. Em: *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*, Câmara Municipal de Évora, Évora. pp. 61-70
- RIBEIRO, Orlando (1986), *Évora: Sítio, Evolução e Funções de uma Cidade*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- VAL-FLORES, Gustavo; SANTOS, João (2009) *Carta de Sensibilidade Arqueológica do Centro Histórico de Évora*, Câmara Municipal de Évora, Évora.
- VIEIRA, Frederico (2020), Nuevos datos en relación al fenómeno de los spolia en la muralla

tardía de la ciudad de Évora. Em: *Exemplum et Sploria. La reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas*, Vol. 1, Instituto Arqueología de Mérida, Mérida. pp. 215-220

WOLFRAM, Mélanie (2011), *Uma síntese sobre A cristianização do mundo rural no Sul da Lusitânia*, Tese de Doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Université Paris IV – Sorbonne

WRENCH, Licínia (2000), *Decoração arquitectónica litúrgica da Antiguidade Tardia nos grupos pacense e eborense*. Em: *Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica* (Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular), vol. VI, ADECAP, Porto. pp. 645-656



Fig. 1: Planta com a localização da cidade de Évora



Fig. 2: Planta com a localização do imóvel alvo de intervenção



Fig. 3: Localização da intervenção arqueológica, nomeação dos compartimentos Fig. 4 – Pátio – local onde foi encontrado o friso visigótico.



Fig. 4: Pátio – local onde foi encontrado o friso visigótico

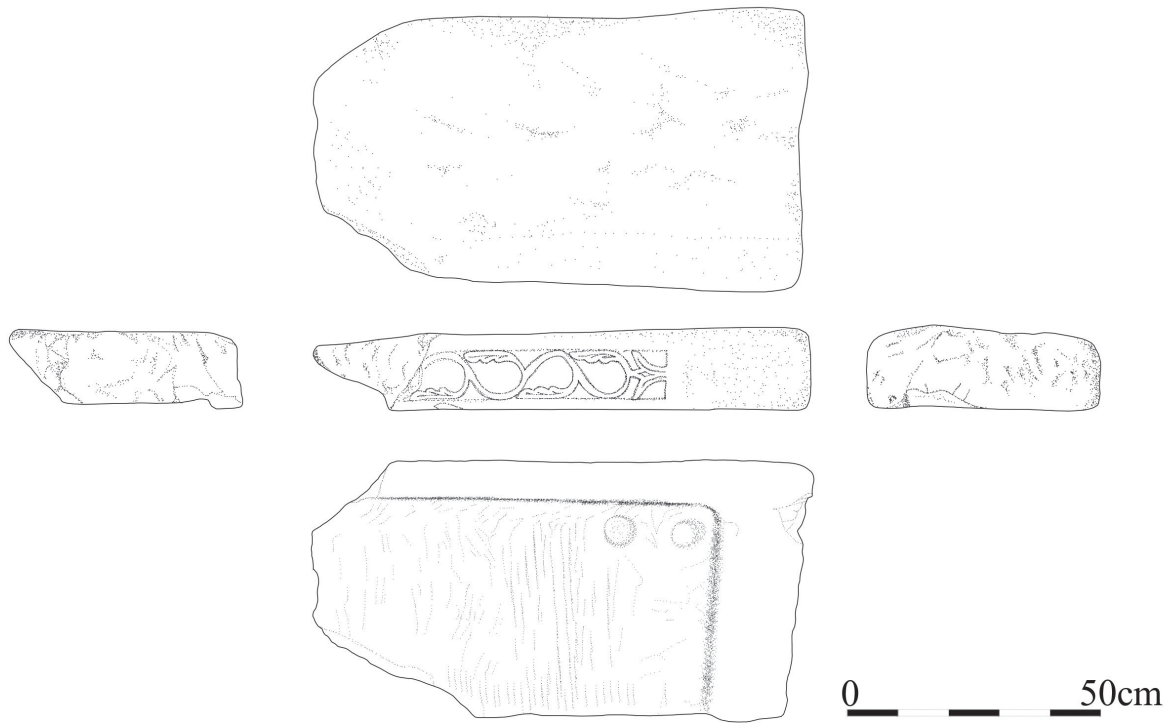


Fig. 5: Friso visigótico encontrado no pátio do imóvel

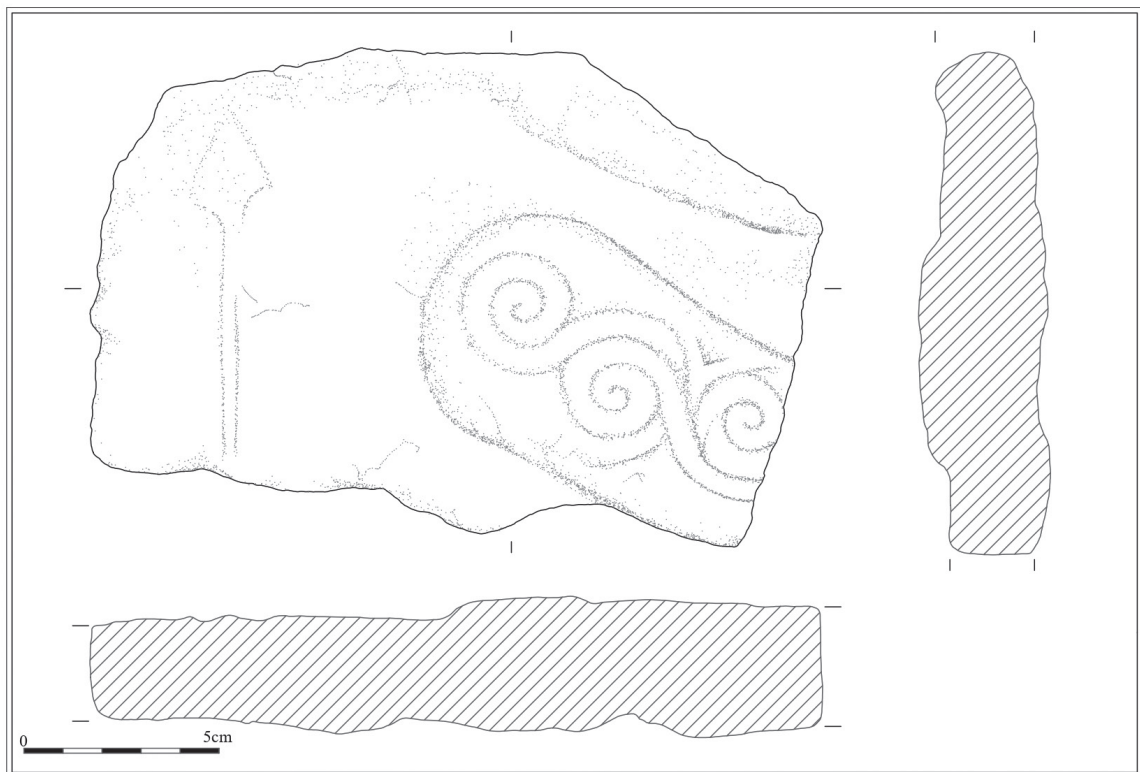


Fig. 6: Friso visigótico encontrado no Salão Central Eborense